



GT04 – Cotidiano cangaceiro: práticas, costumes e representações

Coordenador(es): José Ferreira Júnior e Ivaldo Marciano

CANGAÇO EM POMBAL: A FIGURA DE JESUÍNO BRILHANTE

Cléia Tamaris Calado*

O tema abordado neste trabalho trata-se do cangaço na cidade de Pombal, que está localizada no alto sertão paraibano. Estudando particularmente a figura de Jesuíno Brilhante em fins do século XIX. Tendo como objetivo discutir sua atuação no contexto social dessa época na referida cidade, problematizando as imagens que foram sendo construídas pela historiografia e que ficaram cristalizadas na memória das pessoas acerca desse cangaceiro. Como fontes históricas, serão utilizados processos crimes, visando à construção de uma abordagem problematizada a respeito da versão que se tem sobre este cangaceiro nas páginas processuais.

Palavras Chave: Cangaço, Pombal, Jesuíno Brilhante

Este artigo se propõe a apresentar os primeiros esboços da pesquisa que impulsiona meu trabalho de monografia, de modo que a discussão aqui apresentada corresponde às ideias iniciais do segundo capítulo do texto monográfico. Ressaltando que as questões expostas ainda não alcançaram respostas definitivas. E diante da gama de estudos existente sobre a temática do cangaço, este estudo trata-se de mais uma proposta referente a esse tema.

Jesuíno Alves de Melo Calado, mais conhecido como Jesuíno Brilhante e considerado o bacamarteiro lendário dos sertões, também escreveu sua história nas veredas do cangaço.¹ Sua atuação no sertão nordestino, hoje é contada em diversas fontes, como na literatura de cordel, na historiografia, em filmes, nos processos, e na oralidade. Sendo que, nesta discussão nos deteremos em fazer uso da historiografia.

* Graduanda em História pela Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Formação de Professores. Cajazeiras-PB.

¹ Jesuíno Brilhante nasceu em março de 1844, no sítio Tuiuiú, Rio Grande do Norte, e morreu em dezembro de 1879, no lugar denominado Riacho dos Porcos, município de Brejo do Cruz, Paraíba. Atuou em municípios do referido Estado, e em alguns lugares do sertão paraibano.

A atuação deste cangaceiro na cidade de Pombal tem como referência a invasão à cadeia pública da referida cidade. Acontecimento esse que é tido como um fato de grande repercussão, pois, de acordo com Raimundo Nonato, apenas oito homens ao todo conseguiram render a guarnição e libertar Lucas, o irmão de Jesuíno, e os demais que se encontravam presos, somente ficando nas selas os aprisionados que não quiseram empreender fuga.

O grupo dava vivas a Nossa Senhora e se vangloriava de 08 homens apenas, fazerem todo aquele ataque sem resistência alguma dos soldados entrincheirados na cadeia, armados e bem municiados como estavam, não desfecharem um tiro ao menos. (NONATO, 1970: 22)

Diante de um acontecimento desse nível, os rumores que surgiram sobre esse atentado são diversos, como por exemplo, a ideia de que Jesuíno Brilhante, antes de realizar o atentado a cadeia, estaria a vagar ao redor da cadeia disfarçado de mendigo, no propósito de combinar a façanha com seu irmão Lucas. Algo que, de acordo com Raimundo Nonato, não aparece nos autos do processo.

Após este ocorrido, as testemunhas começaram a ser ouvidas, os detalhes apurados, e reparado o prejuízo ocorrido no que diz respeito ao espaço físico da cadeia. Quando, consta no relatório do Chefe de Polícia a conclusão da criminalidade a guarda e ao carcereiro, e de certa forma pelo ocorrido, o alferes da guarda nacional, Eustáquio, e o coronel Dantas. O primeiro por ter falsificado um ofício para assim assumir o comando do destacamento local, quatro dias antes do atentado, e o segundo, pelo motivo principal de saber de tudo o que se planejava e não cumprir seu dever de tomar as providências devidas.

No mesmo inquérito, ouviram-se 18 pessoas, inclusive oficiais, sargentos, cabos, praças, carcereiros, presos e testemunhas, fazendo o Chefe de Polícia o seu relatório, no qual concluiu pela criminalidade dos atacantes, da guarda, do carcereiro. (NONATO, 1970: 24);

E nesse contexto, diante da atuação de Jesuíno Brilhante e seu bando, na cidade de Pombal, que este recorte representa uma das formas de cangaço, vivenciada por esta localidade. A partir de então, busca-se as abordagens que constroem imagens em torno desse cangaceiro.

Através da historiografia se percebe uma romantização da imagem de Jesuíno. Uma construção de significados a seu respeito, quando é traçada toda uma trajetória de “sucesso” durante sua atuação no cangaço. Que tenta passar a ideia de popularidade para a figura deste

cangaceiro com a população sertaneja humilde. Como também, há uma tentativa de reforçar o ingresso de Jesuíno Brilhante no cangaceirismo por questões que envolvem rixas de famílias.

E assim, a família denominada Limões entra em cena como os principais inimigos de Jesuíno, a rivalidade entre essas famílias é apontada por motivo do fato ocorrido em Catolé do Rocha, em dia de feira livre, quando, Lucas, irmão de Jesuíno Brilhante comete um crime contra um dos integrantes dessa família. Além disso, se tem a versão também de roubo de uma cabra, de propriedade de Jesuíno, por parte dos limões. E assim, ao longo do tempo, os conflitos entre ambas as partes se tornaram intensos. Algo que culminou na emboscada sofrida pelo cangaceiro Brilhante, em São José do Brejo do Cruz, Paraíba, resultando na sua morte. Sendo os principais suspeitos, o coronel João Dantas de Oliveira e os “pretos” Limões.

Em dado momento, considerou Lucas o seu irmão assassinado porque vira a lâmina do punhal do inimigo apontar nas costas do paletó de Jesuíno, mas, na realidade, Jesuíno saíra ileso. Ato contínuo, assassinou o inimigo, pelo que foi prêso em flagrante.(SOUZA, 1971: 211);

O cangaceiro Jesuíno Brilhante ganhou espaço na escrita e, de certa forma adquiriu um lugar de heroicidade. Pois, o “cangaceiro da casa de pedra” (esconderijo que usava para se refugiar), acabou ganhando uma projeção de defensor dos oprimidos, que estava pronto para combater os mais diversos tipos de injustiça. Seu nome alcançou uma enorme popularidade entre a população pobre, e muito dessas ideias ainda permanecem vivas até hoje no imaginário das pessoas.

Espécie matuto de Robin Hood, adorado pela população pobre, defensor dos fracos, e velhos oprimidos, das moças ultrajadas, das crianças agredidas. (NONATO, 1970: 108)

O Robin dos sertões, outra denominação que lhe é atribuída. A ideia de que Jesuíno Brilhante tirava dos ricos para distribuir aos pobres. Seria essa uma das formas de percebermos o porquê de sua popularidade? De acordo com Raimundo Nonato, o mesmo é visto como um cangaceiro e chefe de bando, possuidor de diversas habilidades. Um atirador de primeira linha, considerado ter uma pontaria infalível, além de ser vaqueiro e laçador de gado dos melhores. E dessa maneira percebemos mais um discurso que tenta tornar a figura deste cangaceiro em algo grandioso.

Segundo o autor Raimundo Nonato, as aventuras de Jesuíno Brilhante são inúmeras, prevalecendo a figura do homem bom e simples, que sempre estava disposto a defender a honra das moças pobres. Criando-se no imaginário popular a ideia de que, enquanto Jesuíno

habitou os sertões, injustiças com a dignidade das moças pertencentes às camadas sociais menos favorecidas não ficariam impunes.

Sua fama ainda resiste, indelével, num clima de simpatia irresistível. Certas injustiças acontecem por que Jesuíno não existia mais. (NONATO, 1970: 18)

Podemos perceber uma espécie de algo lendário acerca de sua figura, que se mitificou entre a população que habitava os sertões nordestinos dessa época e que ganhou certo prestígio com o povo. Percebendo-se também uma admiração e respeito desses sertanejos humildes por esse cangaceiro. Em um contexto social onde as injustiças sempre se faziam presentes para com os menos favorecidos, alguém que se dispôs a lutar por essa causa, logo seria visto como um defensor desses segmentos.

Jesuíno Brilhante é tido como um cangaceiro que nunca matou por dinheiro e não roubou - a não ser quando se tratava de saquear cargas de gêneros alimentícios pertencentes ao governo, ou também, quando tirava dos ricos e distribuía aos pobres. Sua atuação é narrada como uma carreira cercada de bravura e dignidade pessoais.

D. Maria Umbelina de Almeida de Castro, com mais de oitenta janeiros, residente no sítio Santa Terezinha, do antigo município, Patú, no mesmo Estado, dizia: Jesuíno foi homem de caráter e vergonha; homem de palavra. (SOUSA, 1971: 214)

Um indivíduo que habitava um cenário pertencente a um contexto onde o que prevalecia era a lei dos potentados locais, dos políticos perseguindo os seguimentos que não estivessem de acordo com sua ideologia, carregadas de interesses próprios. Quando se rebelar a essa ordem vigente, é ser visto como um perigo a sociedade.

Depois de várias escaramuças, voltaram para Tuiuiú, sempre perseguidos pela polícia a mando do coronel Valentim Lobato, protetor dos limões, ladrões de cabra. José Limão (chamado Preto Limão, nome de um famoso cantador de viola), foi feito soldado da polícia com a destinação de prender os Brilhantes na pessoa de Jesuíno. (NONATO, 1970: 110);

E o indivíduo que da sua maneira passa a colocar-se de forma contrária a essas injustiças, pela parcela da sociedade menos favorecida será tido como um herói será depositado nele as esperanças desse povo oprimido.

Além disso, é considerada a ideia de que Jesuíno Brilhante jamais poderia ser comparado a cangaceiros como Lampião, e Antônio Silvino, por exemplo, pois, se afirma a atenção que o povo tinha a sua pessoa. Como era recebido em casa de populares de maneira

bem acolhedora, por respeito e admiração, e não por sentirem medo ou serem ameaçados, considerando-o uma figura carregada de dignidade e honestidade.

Criado em um ambiente onde sempre a coragem pessoal e a atitude são descritas como uma forma de honrar o nome e fazer-se prevalecer, e a vingança sendo uma maneira de combater os agravos. O cangaceiro Brilhante acabou trilhando esse caminho, de vingar-se dos indivíduos que algum mau lhe causasse ou aos seus. E assim conta-se que Jesuíno juntamente com seu bando percorreu os sertões invadindo lugarejos para libertar amigos e parentes presos.

“Criado em um ambiente semi-feudal, onde ódios e vinganças se tornaram heranças de família, ouvido desde criança, glorificar a coragem pessoal, tudo o que predispunha à existência que levou”. (NONATO apud BARROSO, 1970: 168);

Dessa forma, de acordo com Raimundo Nonato, Jesuíno Brilhante se destaca como grande figura da história do cangaço. Diante de uma afirmação desse tipo, pode-se dizer que, Jesuíno a sua maneira, em sua época, inserido no seu contexto social, é visto como um cangaceiro dotado de virtudes, e superioridade, algo que envaidece e o intitula de herói. Quando, as pessoas de mais idade o consideravam como sendo o seu defensor, um indivíduo que estava pronto a realizar e honrar os compromissos que assumisse para com os seus protegidos. Quando, pode-se perceber, que seus feitos eram vistos pela historiografia como um fator sempre imbuído de heroicidade.

Na obra “Apanhados Históricos e Genealógicos do Grande Pombal” (1971), Antônio José de Sousa, descreve a história do cangaço em Pombal como sendo um episódio de desolação vivenciado por esta sociedade. Mas, de acordo com o mesmo, esse acontecimento também representou um exemplo de bravura, dignidade e solidariedade pessoais. Afirmando que há possibilidades do indivíduo se destacar de forma digna até mesmo nas trilhas do cangaceirismo. Outra ideia que explicita a tentativa de heroicizar a atuação do cangaceiro Jesuíno Brilhante.

“Em 1953, eu dizia em carta dirigida ao escritor Celso Mariz: em todos os setores da vida, há margem para o homem se destacar com dignidade, até mesmo como cangaceiro”. (SOUSA, 1971: 217);

É perceptível como a figura deste cangaceiro acaba de certa forma sendo exaltada pela historiografia, que narra suas façanhas no mundo do cangaço. Criando-se uma idealização

acerca de sua imagem, sua atuação ganha ares de epopeia. A ideia do cavaleiro a percorrer os sertões nordestinos em defesa do povo pobre, mostrando-se determinado a cumprir seus compromissos com os que necessitavam de sua ajuda.

Uma espécie de romance é encontrada em sua narrativa de história de vida, atuando no cangaço. A maioria de seus feitos são vistos como fatos heroicos, merecedores de um reconhecimento de bravura. E por esse motivo, é lembrado como o herói do povo menos favorecido de sua época. Dessa maneira, imagens são construídas em torno de sua figura, “Robin Hood dos sertões”, “o bacamarteiro lendário”, “o defensor dos oprimidos”, “vingador de injustiças”. São essas intitulações que torna popular a figura de Jesuíno Brilhante, e não querendo atribuir juízo de valor, ganha à simpatia de parte da população sertaneja.

Algo que nos chama atenção nas obras que assim o intitulam, é o fato de não haver um consenso no que tange ao seu nome completo. Existem versões a exemplo de Raimundo Nonato, que o apresentam com o nome de Jesuíno Alves de Melo Calado, enquanto outras narrativas não citam este último sobrenome, como o autor Antônio José de Sousa. Podemos citar também, sobre a existência de um tio seu que teria sido famoso nos anais do banditismo, há discussões que desconhecem a existência desse tio cangaceiro, do qual Jesuíno teria tirado o apelido Brilhante.

“Em 1958, Gustavo Barroso escrevia que o apelido Brilhante de Jesuíno provinha de um tio “ilustre”, também cangaceiro, no qual aliás jamais ouvi falar”. (SOUSA apud BARROSO, 1971: 217);

Além disso, temos a discordância sobre quem teria assassinado um dos integrantes da família Limões, quando, se tem a versão que teria sido Jesuíno, já outra visão sobre o ocorrido que o irmão de Jesuíno Brilhante, Lucas seria quem cometeu o crime, e por esse motivo acabou sendo preso em Catolé, e logo depois transferido para a cadeia pública de Pombal.

“Por ouvir dizer, sabíamos que a morte do Limão teria sido na feira de Catolé do Rocha e o fato da prisão de Lucas faz crêr que esta é a versão verdadeira”. (SOUSA, 1971: 217);

Porém, entre versões que se diferencie por ausência de um fato e outro, não deixa de existir a romantização de sua figura. O que nos leva a interrogar e problematizar as questões que envolvem a construção tão sólida de um heroísmo exacerbado em torno de um cangaceiro. Percebe-se como essa transformação de herói ao seu nome, acaba projetando no

pensamento das pessoas a ideia de uma diferenciação do cangaceiro carregado de bondade e do bandido malvado.

Faz-se necessário esmiuçar essas imagens, buscar nas entrelinhas dos discursos, os possíveis interesses que poderiam estar por trás dessa construção. Como por exemplo, a construção de uma história fabulosa, que se tem a respeito desse cangaceiro. De tentar transformá-lo em uma figura que represente heroísmo. Chegando a se construir uma ideia de cangaceiro diferenciado. Exaltando sua atuação, como algo merecedor de admiração.

Porém não pretendemos aqui intitulá-lo bandido ou herói. E sim apresentar essas intitulações fabulosas a seu respeito, como sendo formas de mostrar a maneira pela qual a atuação de Jesuíno Brilhante é contada de modo muito romântico, que constrói uma imagem de cangaceiro que age em nome da justiça e do bem comum a todos.

Essa versão necessita ser mais bem pensada, pois, será que a atuação de Jesuíno teria se dado de maneira tão empreendedora de justiça? Podemos dizer que diante dessa construção idealizadora acerca desse cangaceiro, afirmar ou não se Jesuíno Brilhante durante sua atuação no cangaço lutou por justiça, depende necessariamente do que era uma causa justa para esse cangaceiro como também para a sociedade daquela época. Sendo assim, não nos cabe atribuir-lhe juízo de valores. Mas, mostrar por meio das pesquisas como ao longo tempo essa construção se tornou presente na historiografia.

Construção essa que necessita ser buscada por um novo viés, sem está restrito ao simples decorrer dos fatos, como se os mesmos falassem por si só. Interrogando quais seriam os prováveis propósitos que norteavam a criação de uma história voltada a exaltar o cangaceiro Jesuíno Brilhante. Quando, é perceptível que seus feitos são narrados de uma forma que busca um lugar de diferenciação em relação à atuação de outros cangaceiros.

Considerações Finais

Diante das exposições feitas, podemos ser levados a buscar novas problematizações a respeito do que foi proposto. Podendo observar que se faz necessário dialogar com os diferentes posicionamentos que nos são colocados. Atentando para o fato de que é preciso investigar cada vez mais, nas entrelinhas dos discursos apresentados. E duvidar das ideias que tentam expor os fatos como verdades absolutas.

Direcionar o olhar para uma determinada temática como se não houvesse mais possibilidade de buscar novos horizontes, novas perspectivas, e assim, chegar a esse novo caminho até então desconhecido, seria o mesmo que negar outras possibilidades de produção. O historiador deve enxergar os discursos como fontes inesgotáveis de diálogos, a serem desconstruídos, reconstruídos, criticados, e ou construídos.

Sendo assim, aventurar-se nessas discussões como se fossem percursos que levam a novas descobertas partindo de indagações e hipóteses, levaria o pesquisador a uma nova construção historiográfica. Mesmo que essa, não alcance um objetivo inicial que seria chegar a uma suposta “verdade absoluta” dos fatos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

NONATO, R. **Jesuíno Brilhante – O Cangaceiro Romântico**. Rio de Janeiro: Editora Pongetti, 1970.

SOUSA, Antônio José de. **Apanhados Históricos e Genealógicos do Grande Pombal**. Pombal 1971.